

COM uma segura e rara competência, o snr. Sérgio Buarque de Holanda nos leva, no seu último livro (Caminhos e Fronteiras, edição José Olímpio), para uma fascinante viagem num estranho mundo: o mundo das cotidianas e humildes realidades de que se veio a fazer, com o tempo, a nossa cultura e, de certo modo, também, a nossa gente.

Foi, aquela porção de corajosos aventureiros que veio viver no Brasil a partir do primeiro encontro — o de Pedro Álvares, Pero Vaz e frei Enrique, defrontava problemas que, olhados de hoje, ao cabo de tanta distância, aparecem agigantados por essa solene coisa que se chama a perspectiva histórica. A bem dizer, não podemos ver o que ela fazia, sem que se meta na concreta realidade uma outra realidade de que só se veio a revelar com os séculos, que estava escondida na primeira e saiu dela, sem dúvida, mas em que vieram confluír também imponderáveis, imprevisíveis fatores. O que logramos considerar, é um resultado. Mas, existe um ponto de vista diferente, e esse foi o ponto de vista que realmente ocorreu, que realmente "houve" naquela época: o dos podres e rudes sujeitos que aqui chegavam para medir forças com um ambiente exótico, sem saber em que iria dar semelhante arrojo e — pior ainda — sem saber como iria ser construída a sua existência diária, como iriam ser satisfeitas essas necessidades elementares que são, afinal, o destino de todos os homens, como vestir, dormir ou comer.

Mesmo assim, porém, uma parte desses povoadores permaneceu na costa, junto do mar, recebendo notícias e objetos, mantendo melhor contacto com as remotas origens transoceânicas. A outra parte é que se afastou ainda mais, subiu a serra difícil, foi estabelecer-se no planalto piratiningano. Essa mergulhou mais fundo no desconhecido. E mobilizou

Idéias, Livros e Fatos

Aventura Brasileira

Luiz Delgado

(Para o JORNAL DO COMMERCIO)

as suas energias tanto físicas quanto morais, para enfrentar uma natureza diferente em cujo seio os hábitos antigos e os antigos instrumentos nada ou quase nada significavam. Essa luta, é o que nos conta o snr. Sérgio Buarque de Holanda.

Talvez, as gerações que hoje constituem o Brasil apareçam na história, daqui a duzentos anos, como os criadores de Brasília ou, quem sabe?, de algum outro qualquer satélite artificial. E, naturalmente, terá sido verdade. Mas, a nossa vida individual e comum ter-se-á gasto em empresas de outro vulto: em vulgares preocupações de achar condição para, casa depois do trabalho, de conciliar as contas da família com essa admirável industrialização nacional que é tão empolgante nos relatórios, e assim por diante.

Assim os paulistas fizeram as bandeiras. Foram os bandeirantes — e isso é heróico. Devassaram as terras, descobriram campos e minas, anularam meridianos tratados em Tordesilhas... Isso foi o que a tal perspectiva histórica desvendou. Para eles, porém, toda essa glória consistia efetivamente em tarefas como substituir o trigo pela mandioca, inventar comidas que dispensassem o sal, vencer o bicho de pé.

Essa pequena e positiva realidade expõe-se nas páginas do Caminhos e Fronteiras não somente com o mais íntimo dos conhecimentos, senão também com um método que faz delas uma obra autêntica de compreensão e não um simples inventário.

O próprio autor salienta com justiça, no prefácio, esse caráter unitário e orgânico dos seus estudos: primeiro, um quadro do convívio inicial entre os portugueses e os índios no sertão; o nativo domina; ele é quem ensina como se há de viver na terra invadida; o colono procura "reter" "o seu legado ancestral" relativo a instituições ou à vida de família; mas, no resto, aprende com o nativo até a andar nas veredas da mata. Todavia, depois, vem uma "recuperação": em grau maior ou menor, tanto nas técnicas de certas indústrias, rurais quanto nas de outras, mais urbanas, — a cultura portuguesa reafirma-se. E o expositor salienta: "ao passo que o europeu transigiu, em tudo, com os processos indígenas, sem se dar sequer o cuidado de aperfeiçoá-los", o índio defende-se mais, foi mais conservador (pág. 202). Aqui, um leitor viciado em generalizações põe-se a querer ver nisso uma consciência que as duas culturas teriam de suas próprias capacidades: a mais poderosa, sentindo-se capaz de assinalar a outra, não se recejava de seu concurso.

Mas, idéias assim, tão gratas aos amadores, não se encontram no texto do snr. Sérgio Buarque de Holanda. A terra que ele pisa, é a deusa terra dos fatos. A dramaticidade da existência que se vivia nestas plagas naqueles dias, fica nítida em medições e confrontos como o que é feito entre a flecha e o arco do índio e as barulhentas e indefesas — indefesas, sim... — armas de fogo dos bandeirantes. O episódio do Caramuru bem pode dar-nos uma impressão contrária; mas, a verdade é que a silenciosa e rápida flecha desferida por um índio escondido entre as palhas, representava um perigo maior que os emperrados arcabuzes.